

um processo; demoverão-me a não instaurar o immediatamente, deixando entretanto traslado do mesmo auto no cartório.

Chegando à villa de Batatas o mui digno chefe do pol. ci., correu que o vigário Casiano Ferreira de Menezes (sempre envolvido em questões de semelhante natureza, o que é de lamentar-se) propalava que sabia quem era o autor de semelhante morte, e que a protecção, que eu dava aos criminosos era a causa do meu silencio.

Mandei notificar para vir a juizo, onde sob frivolos pretextos não queria depôr a respeito. A necessidade que havia do descobrimento do assassino para sua correção e a bem da ordem e da tranquillidade publica, levarão-me a crer que era indispensavel o seu depoimento, tanto mais quanto era elle o propalador de semelhante novidade.

Assim o fez—declarando que sabia que Antonio da Ramos Jr. não havia dado chicotadas o palmatoadas no escravo Simão. Informando o senhor e depondo as testemunhas do sumario, verificou-se que o referido preto tinha sido castigado como declarou o vigário em principios de Abril de 1861, em quanto que morrera a 16 de Agosto do mesmo anno, isto é, quatro meses pouco mais ou menos depois de ter apanhado balos, e chicotadas!

Devo ainda notar que durante o espaço de tempo que mediou entre aquelle castigo, e o da sua morte, Simão trabalhou na fazenda de José Paulino Pinto, e só 3 dias antes de sua morte deixou de o fazer!

Qual é pois a relação, o nexo que une aquelles dous factos, que devo suppor praticados por autores diversos? Essas chicotadas e palmatoadas podiam produzir a morte do preto Simão? E si Antonio Ramos Jr. não deu naquella ocasião alguma pancada em lugar mortal, este facto é incrível; porque o mesmo preto foi em seguida trabalhar na fazenda do José Paulino, e no tudo consta dos autos; de sorte que a offensa ou ferimento nem se quer foi grave, pois que não produziu grave incommodo de saúde, e nem inhabilitou o paciente do serviço por mais de 30 dias!

Como pois dizer-se que o juiz municipal foi protector escandaloso de Jordão, querendo ligar-se para tal fim factos tão oppostos, de natureza e epochas tão diversas, e que o simples bom senso se oppõe a sua aproximação!

Por tanto é claro que o indiciado tinha cometido o crime previsto no art. 201 do cod. crim. e que não tinha procedimento official por força do decr. 1090 de 1.º de Setembro de 1860.

E assim não é de admirar que o digno promotor publico apoiasse o meu procedimento; que, muito legal, nada tinha de escandaloso.

E bem alto fallão as provas do processo a que me devo cingir como distribuidor recto e imparcial da justiça.

Dasse facto e de outros que o procederão nascer a inimidade do vigário para com mim, e que surratamente pretendeu desconhecitar-me; e uma occasião apaiounou-se por tal modo que abuzando da tribuna sagrada, na missa conventual de 12 de Outubro do corrente anno declamou, dizendo que em Batatas não se fazia justiça. Tal era o procedimento do vigário de Christo, que devia pregar a paz a concordia á seu rebanho.

IV.

No dia 2 de Setembro de 1861 foi barbaramente assassinado em sua casa Manoel Aleixo de Oliveira. Instaurado o processo verificou-se que era mandante desse crime Joaquim Carlos de Figueiredo, e executor o seu escravo de nome Benedicto. Promto este e julgado, foi por duas vezes unanimemente condemnado, em quanto que seu senhor andou sempre fugido, esquivando-se a acção da justiça.

Achando-me nesta cidade no gozo de uma licença, fui para Cajurú fazer inventarios o capitão Antonio Luiz Salgueiro como supplente de juiz.

Apresentou-se então Joaquim Carlos de Figueiredo na cadeia da referida freguezia a 22 de Agosto do corrente anno, foi a seu pedido intimado do despacho de pronuncia, arrazoou os autos, deu se-lhe traslado necessario, e cumpriu-se com todos os incidentes do processo de recurso, devendo estar o original na villa de Batatas, que daquelle freguezia dista 10 legoas. Ora no dia 23 o juiz á quo reformou o meu despacho d e pronuncia, isto é, 24 horas depois de preso o réo!

Não devo acrescentar á semelhante facto nem mais uma palavra, a vista da maneira tumultuaria com que se abreviou os termos do recurso, aproveitando-se o réo de minha ausencia para intental-o.

Chegou então o digno e honrado promotor; o escrivo intimou-lhe officiosamente o despacho de revogação de minha decisão; avista do escandalo o digno promotor recorreu da despronuncia do sr. Salgueiro.

Tendo eu chegado em Batatas, e assumindo a vara immediatamente, foi-me presente o novo recurso na firma lei.

A questão achava-se sufficientemente esclarecida, eu já havia fundamentado a decisão dada, firmigação os indícios para a pronuncia, indícios fortes e concludentes, que não devião por

em duvida o espirito do julgador ou fazel o vacillar na decisão do meu acto.

De feito o juiz de direito deu provimento ao recurso, mandando reformar o despacho, que deu o juiz Salgueiro absolvendo o réo.

Sabia agora o publico que Antonio Garcia de Figueiredo, que promoveu o abaixo assignado a que se chamou representação, e que assignou-o em primeiro lugar, é sogro e tio de Joaquim Carlos de Figueiredo, réo de policia por mim pronunciado; que João Ozorio que tambem ali figura é genro de Garcia, e concunhado do réo, e que Joaquim Alberto da Costa, por antonomazia—o alfaiate—é tambem genro de João Garcia de Figueiredo irmão de Antonio Garcia de Figueiredo; e devo notar que Joaquim Alberto já foi condemnado pelo crime de injuria!

Eis, pois, a gente que se levanta contra mim, e que pretende contestar-me os foros de justo e de honesto. Que importa isso?

Firme no meu posto de honra, não ha de sujar-me a boca impura da calumnia; superior a seus bojes entreg. os meus inimigos ao devido desprezo, e com a consciencia tranquilla ouzo esperar contra os mesmos o estigma da opinião publica.

V.

Em fins de Julho do corrente anno, o capitão Fonseca juiz municipal supplente em exercicio mandou ao official de justiça Bonifacio Rodrigues da Costa prender com tres policiaes ao réo Antonio Joaquim Pimenta condemnado pelo dr. juiz de direito. Dahi resultou um conflicto de sérias, e graves consequências; pois o official de justiça morreu, e foram gravemente feridos o policia Leonel Antonio da Silva, e o proprio réo.

Quando cheguei apenas havia se procedido ao auto de corpo delicto; instauré portanto o processo Antonio Lemes policia foi posto em custodia, e não Leonel que gravemente ferido corria perigo de vida.

Obrando assim não pratiquei uma illegalidade ou antes uma desigualdade entre os individuos que acompanhá a escolta.

O art. 175 do Cod. da Proc. faculta ao juiz a prisão de individuos sem culpa formada em crimes inafiançaveis, quando forem—indiciados.

Ora, se bem que a prisão, ou não em taes condições não seja um facto indifferente, ou antes arbitrario, com tudo ao prudente criterio do julgador pertence a apreciação das circunstancias que o devem levar a praticar um acto que importa a privação de um direito de tanta importancia, e que só em circunstancias mui especiaes deve ser exercido com todo discernimento, e escrupulosa attenção.

Cheguei ao conhecimento, já por informações que tive quando principié o processo, já por ser voz publica, de que Antonio Lemes era o que tinha atirado ao réo, e não os outros, sendo que Leonel tinha sido ferido gravemente logo no principio do conflicto. Legalmente já não podia decretar a prisão antes de culpa formada.

Robusteci ainda mais essa convicção, quando Antonio Lemes logo no principio do sumario confessou ter sido o autor do tiro, e não os seus companheiros, facto esse muito significativo, por que tendo Antonio Lemes feito parte da escolta era de seu interesse proprio lançar aos outros a imputabilidade de aquelle acto.

Para que pois adulterar-se os factos, e espiat-lhes a seu bel prazer?

Não é com declamações, que os meus detractores hão de baratear a minha reputação; o si a mascara de um rosto, e o misterio de um nome podem raras vezes occultar bons caracteres, com tudo occasiões ha que nomes lançados em um papel pouco ou nada significam, por que nem mesmo a mascara pôde, dadas certas circunstancias, encobrir-os as nossas vistas.

VI.

Finalizando esta, devo agradecer aos meus amigos, que no *Correio Paulistano* protestarão contra a representação a que me refiro.

Por certo quaisquer que sejam não se enganarão em seu juizo; conhecendo-me de perto tiverão sobejas provas para assim o fazer; repellindo qualquer duvida que porventura pudesse alimentar algum espirito sceptico e descrente, provirão que não era o interesse a mola real de suas acções; eu, pois, cordialmente os agradeço.

Campinas 10 de Novembro

Antonio Rodrigues do Prado.

Sr. Redactor.—A instrucção primaria não é cousa que deva ser abandonada á discrição de qualquer professor particular.

Esta verdade é de tanta transcendencia, que o regulamento do sr. Nabuco collocou as aulas particulares sob a jurisdição da Repartição da Instrucção Publica.

Quem ler este Regulamento conhecera com que escrupulo se tractou de fiscalisar o que vai pelas escolas particulares.

Mas, não é só a moralidade e os

costumes, que cahe sob a alçada do sr. dr. inspector geral.

Ha outro assumpto de grave importancia, a que se prende o interesse publico. Fallamos da doutrina, das opiniões do methodo do ensino.

Assim, como se explica qualquer professor ensinar pelos autores que lhe parece?

Póde-se ensinar por livros suspitos?

Vollarei ao assumpto.

Um pae de familia.

PROCESSO CABRAL.

Sob o titulo acima vem no *Correio Paulistano* de hontem um artigo assignado por—*Um amigo da Fazenda Provincial* a respeito da marcha que tem tido a denuncia por mim dada contra os feitos do sr. dr. Vicente José da Costa Cabral, na qualidade de inspector do thesouro provincial.

Agradecendo como me cumpre o auxilio que tão espontanea e bondadosamente me presta o autor desse artigo, tomando tão vivo interesse e activa parte pelo andamento d'essa denuncia, devo declarar que, comquanto esteja no dominio do publico essa questão, e seja ella d'interesse geral, e por isso no caso de ser apreciada por quem a tiver acompanhado, ou queira acompanhá-la, com tudo, como até então tem ella apparecido como minha somente, não posso conservar-me silencioso, deixando passar como meu esse artigo, em o qual não tenho parte alguma, como terá a bondade de scientificar o sr. redactor. S. Paulo 21 de Novembro de 1862. (1)

Antonio Egydio da Moraes.

Litteratura.

HERJURA.

CONTO PHANTASTICO.

(A 'F. Xavier de Sá).

I.

Lá estava elle, como sempre, deitado sobre o escabroso caminho que vae ter á um precipicio.

Mais abaixo existia um declive onde as flores crestadas pelos rigores do sol achavam logo uma prompta sepultura na immensa corrente que passava arrebatadora, conduzindo apoz si tudo que encontrava.

Nem o barulho estrogidor dessa cascata, cuja queda era immensa, o arrancava desse dormir profundo—unicos instantes em que o que soffre acha um termo passageiro ás tantas magoas do coração.

Nem o humedecer-lhe das faces pelas brisas da noite que congelavam os seus membros, tantas vezes repassados por sensações violentas; nem o côro triste e plangente das—aves negras—dos sertões sombrios, naquella hora de morte—á meia noite;—o faziam abandonar o socogo do somno que o homem possui para serem suavizadas as lides insanas de tantas horas do cuidado.

E elle lá estava com os cabellos revoltos na terra humida dos desertos, de quando em quando somente reluzentes pelo intenso orvalho que os banhava—ondentes.

O vento passava enregellado e impuro, soltando notas to cantes de dôr e de harmonia.

E elle lá estava, como sempre, deitado sobre o caminho tão feio como o martyrio da sua alma.

II.

Dorme! filho da fatalidade, acobertado no remanso do peregrino socogo!

Dorme!... que as asas negras da perdição não virão com o seu bater de escorneo despertar-te do somno que tens levado....

Dorme!... que o olhar tão puro do Senhor, algum dia, fará reflectir a paz dos anjos no teu coração de moço....

Não temas que as tempestades já idas te possam ainda arremessar ao ultimo termo das desgraças humanas....

Quem sabe!...

Um coração sempre grande e innocente, tem sempre a guarda da Providencia Divina.

Muito embora ella não subisse corresponder á pureza dos teus sentimentos, tu sempre certaste os olhos ás negridões daquelle seio infame e torpe de mulher!

Se soffres, é porque a mocidade é tua: Deus tambem soffreu chegando mesmo á exalar o ultimo suspiro sobre a cruz do martyrio.

Tu bem a acreditavas esta como o sorriso da manhã, tendo sempre os labios tão doces expressões e nas entranhas o mal da descrença.

Mas esse teu pensar foi um engano passageiro: foi uma visão nas horas mal dormidas da noite.

Para logo tu conheste o interior daquelle ente-vibora, quando fanou-te o amor que queria com fructo o sereno erguer-se aos calidos beijos de uma ventura que ainda tinha de vir.

Como te enganaste e ella te enganou!....

III.

Mas que vulto é aquelle que, pendida a fronte, vela o no seu dormir de amargores! E que machinalmente acompanha todos os seus gestos—talvez nascidos de um sonho tenebroso e máo?

Não o conhecemos: naquellas horas tristes e silenciosas da noite, elle com os cabellos dispersos sobre os hombros e brancos como o reflexo da lua sobre a terra, veio surgindo—qual espectro—d entre as matas horroresas que cercavam o pequeno espaço em que o manco se conservava deitado.

Não o conhecemos.

Os seus olhos eram baixos e sempre attrahidos por aquelle corpo que jazia estendido á borda de uma morada infernal.

Aproximou-se e contemplou-o.

Apezar da noite, ainda viu-se dos olhos arrebatados uma lagrima e titubante roçar os joelhos em terra com as mãos cruzadas sobre o peito: era uma prece fervorosa sabida do intimo seio da velhice ao contemplar a juventude malfadada.

Ao vel-o assim, diries um sacerdote prostrado aos pés do Crucificado no ardor de uma oração sublime.

Poucos minutos conservou-se nesta posição, ergueu-se a magestoso de novo, voltou aos ermos donde havia subido, tendo antes disto lançado olhos de compaixão sobre aquelle que então não vivia para o mundo.

IV.

Agora nada interrompia a scena de mudez, a que assistiam os phantasmas volteantes de um para outro lugar.

(1) Não foi o sr. Egydio quem nos remet

teu o artigo de que falla, e que não estava

por elle assignada.

A REDACÇÃO.

Era e hora dos demonios. Por muitas noites reproduziu se a scena que acabamos de descrever.

O ancio sempre mudo vinha visital-o naquellas paragens medonhas, e o manco como—estatueta que, sempre no mesmo lugar e conservando a mesma posição,—ora o objecto constante de suas preces e de suas sagradas lagrimas.

Em verdade parecia uma parte inseparavel do lugar em que estava.

Em uma dessas noites elle lá estava deitado sobre a relva humida dos campos ao grito horrivel da cascata e ao côro triste e plangente das—aves negras—dos sertões sombrios, o ancio tambem veio visital-o com prantos e enviando preces ao—Todo Poderoso.

Quando elle acabou de resar e ergueu se para retirar se, o manco ergueu-se tambem e o seu primeiro gesto foi passar a mão pela fronte descarnada e abatida onde o somno—talvez de morte—havia estampado uma lividez indelivel.

O ancio, não sabemos como, pôde furtar-se ás suas vistas, indo para a sua habitação mysteriosa.

O manco estava só.

Um passo dado vacillando e o murmurar palavras sem conneção, foi bastante para nos convencer de que estava delirante.

Fazia pena vel-o, tão mope velador de angustias, (*) soltando gritos arrancados de uma dôr profunda, que corrola os seios d'alma, sempre enfiados pelas tantas desgraças, porém nunca pela impureza dos sentimentos.

Era grande por essa parte.

Os seus olhos eram como os de uma agulha quando vê a presa prestes a escapar-lhe das garras.

Os seus braços movidos violentamente iam bater, por uma maneira offensiva d'encontro ao seu proprio corpo.

Os seus cabellos acotados fortemente pelas rajadas humidas e nocturnas das breanhas, conservavam uma posição medonha e sinistra.

Mas, como se, para o seu espirito nacesse uma idéa luminosa, por momentos conservou se immovel tendo antes levado as descarnadas mãos sobre a fronte enmurchecida: era uma idéa de loucura—era a morte.

Repenhamente lançando por todas as partes olhares desconfiados e errados, entregou-se sem tino a uma carreira delirante, e trevariado como o—Paulo de Saint Pierre—correu errante pelas florestas de sepulchral silencio, visitando os lugares que outrora foram despedidos pelas jures ouvidas de um ente que dizia amal-o do intimo do coração.

Desgraçado!... o seu delirio se havia transformado em uma verdadeira loucura....

Exhausto de forças, fraco pelo tanto excesso, por acaso elle parou sobre as bordas do precipicio, em que se despejavam as ondas immensas, e fôra de si arremessou-se sobre ellas, quando já bastante tarde um braço de ferro tentou detel-o em semelhante passo: era o triste e mysterioso ancio que talvez despertado pelos seus violentos e sentidos gritos, correa á assistencia de um tão feio espectáculo.

Elle era o anjo que por meio do suas orações secretas havia obtido da bondade de Deus o perdão para o louco inteliz, e este já era o condover que ao côro triste e plangente das aves negras dos sertões sombrios e ao grito horrivel da cascata, visitando o seu escuro sepulchro, envolvia-se nos turbilhões ruidosos das espumantes aguas, tendo junto a esta orchastra infernal, quando se precipitava, um nome horrivel arrancado dos furios de uma alma febril e vertiginosa: *Perjura!*

S. Paulo 17 de Setembro de 1862.

João Corrêa de Moraes.

ANNUNCIOS.

VENDE-SE uma besta boa de sella côr ruana muito mansa nova: para tratar com Francisco de Paula Soares, no Arouche ou na rua do Commercio com Adão José de Sousa. 1—3

Roga-se á pessoa que tirou do camarote n. 19 da 2.ª ordem, na noite de 19 do corrente, uma bengala de canna do reino, com castão de marfim, e ao lado d'elle um cachorrinho do mesmo, queira entregal-a nesta typographir—se não quizer passar por por algum dissabor. 1—2

Boas propriedades á venda

Marcellino Gorard vende as seguintes propriedades:

Uma casa de sobrado toda reedificada de novo, muito espaçosa, sita na rua da Boa-Vista n. 50, donde se acha actualmente estabelecido o collegio Piratininga; tem grande quintal que dá no Rio Tamandaty, e terronos na rua Municipal, nos quaes se pode construir 3 ou 4 moradas de casas; esta propriedade dá duzentos mil reis de aluguel mensal.

Uma fazendinha denominada do Pirajussara, distante desta cidade legua e meia; ella é propria para qualquer estabelecimento rural; tem meia legua de extensão excellentes pastos e matas, toda bem dividida pelo lado da estrada, que segue para Sorocaba, e pelos fundos pelo rio Pirajussara; tem uma casa muito propria para negocio no lugar denominado Piripiri. Nesta fazenda existem as melhores pedreiras, que dão muito interesse por serem as que estão mais perto da capital. 4—4

ADVOGADO.

O dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo mudou o seu escriptorio de advocacia para a rua do Rosario n. 12, onde sera encontrado até as 2 horas da tarde; dessa hora em diante pode ser procurado na casa de sua residencia, largo do Carmo n. 72. 8—10

Atenção.

Na rua de S. José n. 42 A. pinta-se e forra-se carros e faz-se todo o concerto que elles precisarem, e tamem se concerta arreios e estofa-se cadeiras e tudo o mais barato que em outra qualquer parte. 2—6

(*) A. Herculanio.